

**COMPÊNDIO PARA O ENSINO DOS SURDOS-MUDOS:
UM OLHAR HISTORIOGRÁFICO SOBRE A DESCRIÇÃO
DA LINGUAGEM¹ DOS SIGNAES NATURAIS**

Tiago Batista dos Santos (UFF)

tiagobatista@id.uff.br

Mônica Maria Guimarães Savedra (UFF)

msavedra55@gmail.com

RESUMO

Conhecer o passado é um caminho para encontrar respostas para questões contemporâneas. A revisita aos documentos e a leitura historiográfica nos permitem entender pensamentos e reflexões que fizeram parte de um determinado período ou corrente histórica sob a ótica de questões que emergem em nosso presente. As discussões acerca da descrição das línguas de sinais ganharam bastante força após as pesquisas que deram status linguísticos para essas línguas, na segunda metade do século XX. No caso da Libras, Língua Brasileira de Sinais, a partir dos anos de 1980 daquele século, foram publicados uma série de trabalhos que contribuíram para compreendermos o seu funcionamento. Esta pesquisa busca revisitar o Compêndio de Ensino aos surdos-Mudos, texto publicado em 1871, em que é realizada uma descrição dos Sinais naturais utilizados pelos surdos. O texto analisado trata da terceira edição, reimpressão feita logo após o congresso de Milão. Nesta investigação, utilizamos como base teórica elementos da historiografia da linguística e ancoramos a discussão com base na análise textual, a fim de compreender como os Sinais aparecem descritos, organizados e sua finalidade na educação. Esse é um dos primeiros materiais contendo a descrição da forma natural de comunicação dos surdos publicado no Brasil, em português. Uma pesquisa de base historiográfica que apresenta como o Compêndio de Ensino aos surdos-Mudos faz a descrição dos sinais naturais e que elementos gramaticais, fonológicos, sintáticos e semânticos estão presentes nesse trabalho.

Palavras-chaves:

Historiografia. Sinais naturais. Surdos-mudos.

ABSTRACT

Knowing the past is a way to find answers to contemporary questions. Revisiting documents and reading historiography allow us to understand thoughts and reflections that were part of a certain period or historical current from the perspective of issues that emerge in our present. Discussions about the description of sign languages gained a lot of strength after the research that gave linguistic status to these languages in the second half of the 20th century. In the case of Libras, Brazilian Sign Language, from the 1980s onwards, a series of works were published that contributed to our understanding of its functioning. This research seeks to revisit the Compendium of Teaching to the deaf-Mutes, a text published in 1871, in which a description of the natural signs used by the deaf is carried out. The analyzed text is the third edition, reprinted shortly after the Milan congress. In this investigation, we use as a theoretical basis elements of the historiography of linguistics and we anchor the discussion based on textual analysis, in

order to understand how Signs appear described, organized and their purpose in education. This is one of the first materials containing the description of the natural form of communication of the deaf published in Brazil, in Portuguese. A historiographical based research that presents how the Compendium of Teaching to Deaf-Mutes describes the natural signs and which grammatical, phonological, syntactic and semantic elements are present in this work.

Keywords:

Historiography. Natural signs. Deaf-mutes.

1. Introdução

O atual estágio de ensino da língua brasileira de sinais – Libras – pode ser pensado a partir dos resultados de muitos anos de pesquisa e investigação acerca da natureza dessa língua, seu aprendizado pelas pessoas surdas e ouvintes e sua estrutura de funcionamento. Existem, hoje, muitas políticas linguísticas relacionadas a essa modalidade de língua, e uma das consequências é o surgimento de vários cursos e pesquisas relacionadas ao ensino dela tanto para surdos como a primeira língua, como para pessoas ouvintes como segunda língua. Assim, podemos apontar que o ensino dessa língua não é algo novo, pois se entende que, a partir da chegada de Edouard Huet ao Brasil, com o material que ele trouxe da França, identificado como os sinais metódicos, houve uma ação de ensino e disseminação dos sinais para os surdos brasileiros.

A história sobre o ensino da língua está diretamente ligada ao desenvolvimento da comunidade surda brasileira e da transformação do Collégio Nacional para Surdos-Mudos (1855), no Instituto Imperial dos meninos surdos Mudos (1857). Essa instituição foi a grande responsável por produzir material e discutir a educação dos surdos no Brasil. O atual Instituto Nacional de Educação dos Surdos – INES foi criado por decreto imperial sob a influência de um surdo francês. Assim, a partir de meados do século XIX, o Brasil passou a contar com uma instituição voltada para educação de surdos.

A utilização da comunicação sinalizada no país antes da criação do Instituto ainda carece de esclarecimentos e pesquisas mais detalhadas, a fim de que seja possível compreender qual(is) era(m) a(s) língua(s) utilizada(s) nos anos pré-Instituto. A partir da chegada de E. Huet, surdo francês, a língua francesa de sinais exerceu grande influência na sinalização dos surdos do instituto, sendo os sinais praticados pelo professor introduzidos na comunicação, tornando-se parte da língua de sinais que seria utilizada no Brasil.

A educação dos surdos no país esteve, nos primeiros anos, pensada para o desenvolvimento da fala articular, assim o primeiro dicionário destinado ao aprendizado dessas palavras é composto pela combinação da imagem dos sinais ao termo escrito. Essa associação permitia que os surdos aprendessem as palavras utilizando o recurso visual das imagens. A iconografia dos sinais dos surdos Mudos (1875) é reconhecida e citada como o primeiro dicionário sobre a língua brasileira de sinais (SOFIAFO; REILY, 2012) e apresenta um manual ilustrado com palavras e sinais, por Flausino da Gama.

Neste Trabalho, faremos uma breve discussão acerca das ideias apresentadas para a descrição dos sinais presente no compêndio para ensinar surdos mudos (1881), que destina uma parte (p. 14-22) a explicar sobre a linguagem e uso dos sinais. Esta produção histórica traz orientações sobre a educação dos surdos, e uma abordagem descritiva da então identificada “linguagem dos signaes”.

Realizaremos uma pesquisa de cunho bibliográfico e documental, construindo uma narrativa historiográfica acerca da descrição dos sinais que os surdos utilizavam no país no período de lançamento deste compêndio. Trata-se de uma pesquisa baseada nas orientações de Severino (2007) que envolve “levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto” (p. 123). A discussão do compêndio e a análise das descrições configuram-se numa abordagem da Historiografia linguística (KOERNER, 2014). A investigação está construída a partir do aparato teórico metodológico proposto por Swiggers (2013), a fim de descrever e narrar um pensamento historiográfico e compreender o funcionamento dos sinais no período do século XIX.

Como trajeto descritivo, buscamos apresentar a importância da análise historiográfica desse documento, em seguida trazemos alguns aspectos que podem ser observados a partir das propostas de Swiggers (2013), perfazendo uma parte da historiografia acerca da língua brasileira de sinais, apreendida das informações do compêndio analisado.

2. *Um caminho para investigar a linguagem dos signaes naturais para ensinar os surdos-mudos*

Os seres humanos, ao estarem no mundo, são sujeitos sócio-históricos, são constituídos de/em narrativas. As preexistentes que fazem com

que ele se situe como indivíduo em seu círculo familiar, as territoriais que contribuem para a sua identificação de pertencimento e identidade e assim por diante. Ao desenvolverem-se como sujeitos, os indivíduos recorrem ao passado para identificar-se e produzir novas narrativas. A convivência em um grupo cultural, nas instituições e nas próprias ações sociais são frutos de uma consciência histórica. Isso implica dizer que estamos inseridos em uma condição de existência permeados de situações historicamente construídas.

A tarefa de construir narrativas e significados sobre o passado é árdua e desafiadora, pois envolve descrição, construção de uma narração e a busca pelo preenchimento das lacunas que darão legitimidade, canonicidade e inteligibilidade ao fato passado. O testemunho é construído através de investigação de artefatos e fontes históricas que, através de métodos de análises subsidiavam a interpretação dessas construções. Ao descrever o objetivo da História, Martins (2019) diz:

O objetivo da história é o mesmo do conjunto das ciências sociais: dar inteligibilidade ao mundo social. Sua especificidade está em construir essa inteligibilidade por meio da narrativa singular de acontecimentos específicos. Os acontecimentos examinados, descritos, narrados e explicados pela História situam-se no passado. Dizer que algo “é passado” supõe que os acontecimentos estejam concluídos, finalizados. Isso não impede que seus desdobramentos possam alcançar o presente (MARTINS, 2019, p. 24)

A descrição, construção de uma narração e a busca pelo preenchimento de lacunas que darão legitimidade, canonicidade e inteligibilidade ao fato passado, cujo testemunho foi construído através de fontes históricas. Essa tarefa é uma construção do historiador, pois cabe a ele, ao juntar suas fontes e organizar suas informações, produzir narrativas acerca do que foi atestado em suas pesquisas. Essas narrativas, como todas as demais, são produtos históricos que podem ser revisitados, como que para uma observação sobre as formas de pensar a história apresentada.

Recorrendo novamente a Martins (2019), identificamos o campo de estudos que busca compreender a produção histórica humana, relacionar as fontes e analisar os seus produtos narrativos. O autor destaca que

[...] a historiografia, com o apoio das muitas especialidades com que dialoga, exprime, na narrativa argumentada, na demonstração discursiva, a compreensão e a explicação a que chega a história enquanto prática investigativa, geradora de síntese intelectual. Trata-se de uma conquista consolidada ao longo de um século 20 extremamente fecundos para a história. A segurança científica da história se afirma: ela demonstra, argumenta, explica com base em dados hauridos das fontes. (MARTINS, 2019, p. 28)

A historiografia, em sua apresentação discursiva, atua na compreensão e na explicação dos dados produzidos pela história. Por meio dela é possível construir reflexões e argumentações a partir das fontes históricas e das narrativas produzidas historicamente.

Dada a sua natureza investigativa, a historiografia, se manifesta em diferentes áreas do conhecimento humano, visto que todas as áreas foram construídas a partir de narrativas, fenômenos e fatos históricos. Interessa, especialmente, compreender a dimensão desse campo na área da linguística. Para Koerner a “historiografia linguística deve ser entendida como uma atividade consciente metodológica e epistemologicamente da escrita da história” (2014, p. 17). Em relação ao papel da Historiografia, destacamos a seguinte defesa:

A Historiografia Linguística tem como objeto a história dos processos de produção e de recepção das ideias linguísticas e das práticas delas decorrentes que, por sua vez, geraram novas ideias e novas práticas, em um processo de continuidades e discontinuidades, de avanços e de retomadas, inerentes à busca de conhecimento. As maneiras pelas quais o conhecimento linguístico se produziu, desenvolveu, foi divulgado e percebido também fazem parte, em suma, da sua História (ALTMAN, 2019, p. 31)

Compreendendo a função da historiografia, buscamos trazer uma discussão acerca de fontes linguísticas históricas, considerando alguns aspectos de sua materialidade, o texto, “o objeto primário que se deve estudar” (SWIGGERS, 2016, p. 41). O retorno ao passado, através dos textos, pode ser uma fonte inesgotável de informações e compreensões de diversos contextos. Os trabalhos escritos podem trazer informações subjacentes inexploradas por historiadores, quando confrontados com métodos adequados e reflexões contemporâneas que podem ajudar a compreender aspectos narrados.

A historiografia linguística proposta do Koerner (2014), na medida em que é orientada para a teoria, fornece ao cientista a perspectiva e a distância que lhe permitirão distinguir ganhos significativos diante de ‘teorias’ imaturas e alegações infundadas, que este conhecimento histórico possa impedi-lo de dogmatismo na teoria linguística e levá-lo à moderação e à aceitação de uma diversidade de pontos de vista possíveis. (Cf. KOERNER, 2014, p. 13).

Ao propormos investigar as noções acerca dos sinais existentes no compêndio da segunda metade do século XIX, sob esta ótica, esperamos compreender como as informações podem conter sentidos subjacentes que

indiquem o pensamento sobre essa forma de comunicação existente no período. Para Koerner (2014) “a historiografia linguística fornece ao linguista praticante material para obter conhecimento sobre o desenvolvimento do seu próprio campo” (p. 13). Assim, essa leitura é de extrema importância, em virtude da possibilidade de contribuir com as discussões acerca das concepções de ensino de sinais para pessoas surdas que já vem sendo fonte de consultas históricas.

3. *Compêndio para ensinar surdos mudos.*

O primeiro dicionário que utiliza a língua portuguesa escrita e os sinais foi publicado por Flausino da Gama, *Iconographia dos signaes dos surdos-mudos* (1875). Este material apresenta uma série de sinais com termos em língua portuguesa separados por categorias (alimentos, comidas, bebidas, etc.) e já mostra uma preocupação com o aprendizado dos sinais. Em relação a esse trabalho, Sofiato e Reily dizem:

A obra de Flausino constitui-se basicamente de 382 estampas, compostas por imagens referentes aos sinais que foram escolhidos para compor o léxico e, também pelos verbetes em Língua Portuguesa correspondentes ao significado desses mesmos sinais. No prefácio da *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*, escrito pelo próprio diretor, Tobias Leite, encontramos as finalidades atribuídas a sua existência; entre elas, destacamos: a intenção de “vulgarizar a linguagem dos signaes, meio predilecto dos surdos-mudos para a manifestação de seus pensamentos e mostrar o quanto deve ser apreciado um surdo-mudo educado”. (SOFIATO; REILY, 2012, p. 632)

Este material é considerado um marco na iconografia e na demonstração dos sinais realizados pelos surdos no país, pois contribui para que as pessoas possam conhecer o sinal e associá-lo a uma palavra. A indicação do próprio diretor do Instituto, professor Tobias Leite, quem escreve o prefácio do Material indica uma preocupação com o aprendizado e uso correto dos sinais.

Logo após o congresso de Milão³⁰, na Itália, fez-se necessário a publicação de mais um compêndio para tratar sobre a educação dos surdos no Brasil. Esse material foi reeditado pelo Instituto Nacional de Educação dos Surdos – INES, em 2012. A edição trazida a público é a terceira do texto publicado pelo então diretor do Instituto, Tobias Leite, sendo este,

³⁰ Congresso que ficou conhecido por adotar o método oral puro na educação dos surdos, privando-os de contato e de instrução na língua de sinais. SÉRIE HISTÓRICA Vol. II - Atas do Congresso de Milão.

reimpresso logo após a realização do congresso. Trata-se de um texto traduzido do material disponível em língua francesa, “Lições de Linguagem Escripta, extrahidas do Methode pour enseigner auz surds-mets, do venerando professor J. J. Vallade Gabel.Ique” (1857), editado no Brasil, em língua portuguesa, na primeira edição em 1871, a segunda 1874 e por fim este que utilizaremos nesta pesquisa, de 1881. O compêndio contém duas partes, uma destinada a responder perguntas consideradas comuns em relação à educação de surdos e outra dedicada a lições temáticas.

Este material chama bastante atenção, pois embora seja a terceira edição e datado de 1881, portanto posterior ao que se considera como o primeiro dicionário (1875), o lançamento de sua primeira edição aconteceu antes da iconografia, período em que o uso dos sinais ainda não havia sido banido da educação dos surdos (1880). Dada a data de sua publicação, podemos perceber que a descrição dos sinais e do funcionamento da língua, constantes neste material, pode ser uma das primeiras com este conteúdo publicadas no Brasil.

O material traz informações aos leitores, aos professores e a partir dessas apresentações, iniciam-se as discussões sobre educação e o uso da linguagem. Nele é possível encontrar descrições acerca da fonologia, sintaxe e semântica dos sinais utilizados pelos surdos e, até aquele momento histórico, chamado de “linguagem natural dos signaes”.

Na instrução aos leitores, Leite (2012 [1881]) fala sobre a abrangência do compêndio, “não se acreditando na proficuidade do ensino aos surdos mudos, offereci 500 exemplares das Lições aos presidentes das provincias de Minas, S. Paulo, Paraná, Goyaz, para serem distribuídos aos professores primarios dos logares em que houvesse maior número de surdos-mudos” [sic] (p. 6). Essa declaração aponta para uma atenção ao ensino dos surdos em diferentes partes do país, revelando também que havia uma preocupação com a disseminação dos sinais na escolarização dos surdos e com a existência de sinais naturais em outras regiões do país, fora do Rio de Janeiro.

4. O compêndio e a descrição sobre a “linguagem dos signaes”

O autor dedica uma parte de seu trabalho no compêndio a descrever e explicar a sua compreensão acerca da “linguagem dos signaes”. Como metodologia de escrita, o texto está registrado em forma de perguntas e respostas. Nesta seção, apontaremos algumas asserções presentes no texto

original e como elas dialogam com alguns conhecimentos contemporâneos acerca das línguas de sinais. Como primeira questão, temos a seguinte pergunta:

P. Que entendeis por linguagem natural dos signaes?

R. É o conjuncto de signaes naturaes ou imitativos, e de signacs de convenção que os surdos-mudos inventão para exprimir seus pensamentos. [*sic*] (LEITE, 1881, p. 14)

Ao responder à questão, é possível observar que há um reconhecimento da existência de sinais naturais que compõem a comunicação entre os surdos, mesmo sem considerá-los como parte de uma língua. O reconhecimento e o *status* das línguas de sinais como línguas naturais começam a ser discutidos apenas após a década de 1960 do século XX, com a publicação da *Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication System of the American Deaf*, pelo linguista norte americano William Stokoe.

Ao pensarmos na “relação com o tempo” (SWIGGERS, 2016, p. 48), em que o documento está apresentado, é possível perceber que, mesmo inexistindo, naquele momento, uma noção de língua, estávamos diante de uma língua e não apenas de gestos artificiais. A concepção de “signaes naturais” e de “signaes de convenção” trazem subjacentes uma ideia de língua natural, que apenas seria descortinada no século XX. Essa concepção de língua natural recebe destaque no Brasil no ano de, com a publicação da obra “Por uma gramática da língua brasileira de sinais” (1995), nela a autora faz a seguinte defesa.

[...] a LIBRAS é uma língua natural com toda a complexidade que os sistemas linguísticos que servem comunicação e de suporte de pensamento às pessoas dotadas da faculdade de linguagem possuem. É uma língua natural surgida entre os surdos brasileiros da mesma forma que o Português, o Inglês, o Francês, etc. Surgiram ou se derivaram de outras línguas para servir aos propósitos linguísticos daqueles que as usam (BRITO, 1995, p. 11)

Além desse esclarecimento e reconhecimento de que a língua de sinais é tão natural e com as mesmas complexidades das línguas orais. Também se percebe que a formação dessa modalidade de língua ocorre a partir da convenção de signos realizada por uma comunidade de falantes.

Outro aspecto presente na defesa do texto envolve a noção de que “os surdos-mudos inventão para exprimir os sinais” [*sic*] (LEITE, p. 14),

essa informação comporta a concepção de que os sinais emergem do contato entre os surdos para se comunicarem. A seguir, trazemos o início da descrição dos sinais:

P. Os braços e as mãos são as únicas partes do corpo que contribuem activamente para a formação de signaes mimicos?

R. Não; o concurso do semblante é indispensável. Sem o jogo da physionomia, que lhes dá a vida e o sentimento, os signaes serão inintelligíveis.

P. Provai esta ultima asserção.

R. O homem mais habil em exprimir-se pela linguagem dos signaes deixa de ser comprehendido, desde que cobre o rosto com um véo. [*sic*] (LEITE, 1881, p. 14)

É possível perceber que ao descrever a formação dos sinais, há uma atribuição especial ao “uso do semblante e da physionomia”, ou seja, temos um reconhecimento que a para uma efetiva comunicação é necessário além do uso dos sinais o acréscimo de elementos não manuais que compõem a fala. Quadros (2009), ao apresentar um capítulo para a descrição da fonologia das línguas de sinais, traz a existência de expressões não-manuais – EMM:

As expressões não manuais (movimento da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco) prestam-se a dois papéis nas línguas de sinais: marcação de construções sintáticas e diferenciação de itens lexicais. As expressões não-manuais que têm função sintática marcam sentenças interrogativas sim-não, interrogativas QU, orações relativas, topicalizações, concordância e foco, [...]. As expressões não-manuais que constituem componentes lexicais marcam referência específica, referência pronominal, partícula negativa, advérbio, grau ou aspecto. (Quadros, 2009, p. 60)

As expressões não manuais são parâmetros das línguas de sinais que exercem funções gramaticais, o uso desses elementos marcam a indicação de grau, negação ou ainda diferentes tipos de sentenças, como as interrogativas, as afirmativas e negativas. Outro aspecto que chama a atenção envolve a utilização das expressões como elemento que dá vida e sentimento ao sinal. As expressões faciais podem ser pensadas a partir de dois grupos, as expressões gramaticais e as expressões que transmitem afetividade, nelas estão contidas as noções de sentimentos (alegria, tristeza, raiva, angústia, medo, etc.). Elas podem ocorrer simultaneamente em um ou mais itens lexicais e com funções variadas, o que nos ajuda a compreender que a ausência delas, como sugere a resposta da asserção, torna a informação

inteligível. Assim, os falantes de línguas de sinais podem utilizar as expressões faciais para indicar uma sensação ou sentimento e/ou como elemento gramatical.

P. Quaes são as condições necessarias para bem se exprimir por signaes?

R. São: bem comprehender a si mesmo; dar constantemente á physionomia a expressão conveniente; ponderar bem o pensamento que se quer exprimir; não precipitar os movimentos que o descrevem; emfim, separar quanto for possível os differentes signaes que fórmão a mesma phrase.

P. Como se marca o fim de um signal e o começo de outro?

R. Fazendo entre elles uma pequena pausa, ou formando o signal subsequente em outro ponto do espaço.

P. Como se exprime a mudança do interlocutor no dialogo? R. O surdo-mudo intelligente faz comprehender essa mudança collocando-se ora á direita, ora á esquerda, occupando assim alternativamente o logar em que elle supõe as pessoas que põe em scena. [*sic*] (LEITE, 1881, p. 16)

Além do uso das expressões faciais outro aspecto considerado no compêndio envolve a organização dos sinais, sendo a sua utilização orientada seguindo padrões de espaçamento entre eles, o que revela uma compreensão de que possuem uma significação a partir de sua completude, sendo o seu uso recortado prejudicial à produção e compreensão da informação.

Em sua apresentação, ao apontar o movimento do corpo do sinalizador, ora à direita, ora à esquerda, traz uma importante noção sobre o uso do espaço na sinalização. A utilização dos recursos de modificação da posição do corpo possibilita organizar a concordância das sentenças, além de indicar elementos presentes, ausentes, demonstrando ordenamento discursivo e retomada de referências. Por meio do giro do corpo é possível indicar quem assume a posição de sujeito da sentença. Outra possibilidade estabelecida pela utilização corporal do espaço é a retomada de elementos anteriormente citados na narrativa, estabelecendo assim uma relação de concordância e indicação anafórica dos referentes da narrativa.

P. Quando é que um signal é natural?

R. E quando póde ser compreendido á primeira vista sem explicação. Se colloco as mãos á direita e á esquerda da testa, de fórma a representar os chifres de um boi, eu dou idéa desse animal; eu tenho feito um signal natural.

P. Dai um exemplo de signal natural de uma cousa que não pode ser apreciada pelo sentido.

R. A cólera, a vergonha são dous sentimentos internos que se não podem vêr nem tocar; mas a cólera se manifesta externamente pela expressão do olhar e pela violencia dos movimentos; a vergonha pelo abaixamento das palpebras, pelo rubor do rosto, e pela inclinação da cabeça. Portanto, quando manifesto a attitude e expressão de physionomia de um homem agitado pela cólera ou pela vergonha, todos comprehendem a idéa que eu quero exprimir. [*sic*] (LEITE, 1881, p. 17)

Ao defender a ideia de sinal natural, o autor apresenta uma concepção de que estes estariam associados ao mundo real, como uma representação manual de uma situação da realidade. As línguas de sinais apresentam elementos icônicos, isto é, aqueles que de alguma forma se baseiam em aspectos da realidade. Gesser (2009) traz essa discussão apresentando a seguinte questão da iconicidade das línguas de sinais e a possibilidade de expressar conceitos abstratos. Em sua descrição, a autora aponta que é possível perceber que a utilização de elementos abstratos, ou seja, sem relação direta com a realidade gestual e que “os sinais não são gestos” (p. 23).

Ao apresentar aspectos das expressões faciais como traço distintivo, é possível perceber que a indicação presente na informação nos remete ao uso de expressões faciais com valor afetivo, indicando sentimento. A utilização do sinal em si, não marca um elemento do mundo real, mas uma abstração na utilização do sinal manual acrescido da expressão facial.

P. Convem fazer sempre o mesmo signal para a mesma palavra?

R. O signal deve mudar com o sentido da palavra. Por exemplo: eis o fim de meu livro o signal que exprime-fim-se faz com a mão direita disposta em forma de machado, que se eleva e se abaixa brusca mente sobre as extremidades dos dedos da mão esquerda; em Deus está o nosso unico fim-fim tem ahi o sentido de alvo, ou meta ou designio, e se exprime fixando os olhos sobre um ponto á certa altura diante de si, e depois dirigindo rapidamente o indicador sobre este mesmo ponto.

P. A mesma idéa deve ser sempre expressada pelos mesmos signaes?

R. Posto que a linguagem dos signaes não seja rica, ha meios de exprimir uma só idéa por differentes signaes. Segundo a impressão que soffrem vendo, por exemplo, um elephante, os surdos-mudos exprimem a idéa desse animal, uns por sua massa gigantesca, outros por suas largas orelhas, outros por sua tromba movel, etc. Os surdos-mudos, portanto, empregão naturalmente a figura de rhetorica que consiste em designar a parte pelo todo?

R. Sim, muitas vezes elles dão o nome do objecto para designar a qualidade do minante; assim, por exemplo, para exprimir as idéas de mansidão e de força empregão os signaes que exprimem carneiro e leão. [*sic*] (LEITE, 1881, p. 18)

Uma noção importante em relação aos significados dos sinais se apresenta nesta pergunta sobre o uso do mesmo termo para falar sobre contextos diferentes. Ao mencionar o uso das palavras e das construções distintas de significados nos sinais, podemos compreender que o uso dos sinais naturais se organizavam, na fala dos surdos-mudos, independente da relação com a língua portuguesa oral. Essa noção é importante, pois desfaz um mito ainda existente a respeito das línguas de sinais, de que “a língua de sinais seria uma versão sinalizada da língua oral” (GESSER, 2009, p. 33). Essa concepção subjacente é substancial, na medida em que compreendemos como sistema de comunicação autônomo, as suas referências de vocabulário (sinal) configuram-se a partir de experiências distintas daquele grupo, logo as construções semânticas sobre os sinais, como ocorre nas línguas naturais, emergem e acontecem especificando cada situação de uso.

Para descrição da construção de significados, um mito se apresenta na forma da pergunta e uma discussão ainda presente nas línguas de sinais é levantada, que a “língua de sinais não é rica”. Essa afirmação parece contraditória, à medida que o autor apresenta possibilidades distintas de narrar o mesmo fato e a capacidade que o uso dos sinais permite organizar na categorização existente nesta forma de comunicação sinalizada. Porém ressaltamos que essa é uma noção presente no senso comum até os dias de hoje, a saber, de que a língua de sinais é limitada. Ao contrapor esse binarismo de que os sinais seriam “ricos” e “pobres”, o compêndio apresenta uma noção de valor em relação às possibilidades de expressividade dos signaes naturais, e que persistem em relação à língua de sinais.

P. A linguagem natural dos signaes não segue os incidentes gramaticaes?

R. Não; quasi nunca os signaes se succedem na ordem das palavras de cada phrase, e não exprimem as idéas do numero, do genero, do tempo, e do modo senão quando é indispensavel para entender-se o pensamento.

| | | |
|----------------------------------|--|--------------|
| Nós dizemos: | O surdo-mudo diz | por signaes: |
| Eu estou doente | Eu doente | |
| Eu soffro | Eu sofrer | |
| Tu não és sabio | Tu sabio não. | |
| Tu não trabalhas | Tu trabalhar não | |
| Tenho um jardim | Jardim um eu ter | |
| Eu não gosto de frutas | Frutas eu gostar não | |
| Os livros estão sobre a mesa | Mesa livros sobre | |
| Tenho minha caixa de rapé | Bolso caixa de rapé [rapé no bolso] – minha em eu ter | |
| Traze a chave da porta do jardim | Jardim porta chave trazer | |
| Eu creio que choverá | Chover futuro eu crêr. [sic] (LEITE, 1881, p. 20) | |

Nessa descrição, o autor apresenta uma forma de organização sintática da língua; nela, ficam evidentes sentenças cuja marcação de sujeito gramatical da oração ocorre em posição inicial, seguindo a estrutura de ordem direta. A eliminação de verbos copulativos também aparece como exemplo de construção, mostrando como os elementos gramaticais que indicam esse fenômeno podem ser omitidos, deixando em evidência o prediativo do sujeito da oração.

A presença da negação também é um elemento que se destaca devido a sua utilização na posição pós-verbal. Embora neste compêndio não se apresente outras formas de negação, essa descrição contribui para que o leitor compreenda a posição deste advérbio na estrutura das frases. A ordem dos elementos na sentença é uma preocupação para os estudantes de qualquer língua, por meio destes exemplos, podemos compreender como essas possibilidades acontecem no uso da “linguagem dos sinais”,

que apresentam traços significativos de posição de termos que encontramos hoje na língua brasileira de sinais.

Outro aspecto que compõe a formação da sentença é o uso da indicação temporal. Na exemplificação apresentada por Leite, a distinção entre os tempos verbais ocorre na sentença em sinais. Ao apresentar a oração em Língua portuguesa e uma ordem na língua de sinais temos: “Eu creio que choverá – Chover futuro eu crêr”. (LEITE, 1881, p. 20). Ao inserir o item lexical, com valor de advérbio, na posição pós-verbal, o autor apresenta uma noção bem sofisticada de marcação de tempo indefinido para a ocorrência da ação verbal. Um dos traços da língua brasileira de sinais envolve a inserção de um elemento com valor temporal na sentença para apresentar o tempo da ação verbal. Pode ocorrer de forma especificada, indicando dias, meses, anos especificados no contexto; ou indeterminada, apenas situando o tempo da ação verbal expressa na sentença indicando presente, passado ou futuro, com advérbios dessa natureza.

P. O conhecimento da linguagem dos signaes naturaes é util a quem quer ensinar surdos-mudos?

R. Sim, porque conhecendo-se esta linguagem adquire-se mais influencia sobre o alumno, que poderá responder a perguntas, fazer outras, e tornar assim facil a tarefa do ensino.

P. A que alumnos a linguagem dos signaes naturaes é mais util?

R. Aos pouco intelligentes, aos que estão pouco tempo nas escolas especiaes. P. Por que?

R. Porque uns e outros, não podendo aprender a ler e a exprimir-se por escripto, e por meio da linguagem natural dos signaes, desenvolvem suas faculdades intellectuaes de tal modo que aprendem seus deveres de homens e de christãos. [*sic*] (LEITE, 1881, p. 22)

A finalização desta seção do compêndio estabelece um dos objetivos da permissão do uso dessa linguagem na educação das pessoas surdas: cumprir os seus “deveres de homens e cristãos”. Assim, é possível perceber que há uma preocupação de caráter religioso na manutenção deste ensino, a língua apresenta-se com uma função definida, garantir que esses estudantes cumprissem um papel doutrinal como membros do cristianismo.

As discussões sobre a funcionalidade da língua não tinham, nessa Época, caráter social, mas eram apresentadas como meio de garantir a religiosidade dessas pessoas. Historicamente, esse período já é marcado pela secularização das instituições e pela modernidade (segunda metade do Século XIX), o que demonstra essa orientação final, em relação ao uso dos sinais naturais, é que o exercício da fé ainda tinha bastante influência no pensamento a respeito do ensino dos sinais no Brasil.

5. Considerações finais

Ao concluir este trabalho, espera-se que as descrições linguísticas apontadas contribuam para as discussões acerca da natureza da Libras e do uso que fazemos dos sinais neste século, pois compreendemos que o passado é parte de nossa construção e daquilo que somos ou produzimos hoje. Buscamos por meio de análise documental e bibliográfica explorar os aspectos linguísticos existentes na descrição apresentada no Compêndio para ensinar surdos mudos de 1881. Ao trazer para este trabalho fragmentos do texto, foi possível observar que o autor apresenta concepções que embora não fossem defesas à época, estão atrelados a conceitos que mais tarde, no século XX, estariam associados à própria noção de língua.

A análise apresentada aqui permite observar descrições em diferentes níveis linguísticos, fonológicos, sintáticos e semânticos. Ao descrever a importância das expressões faciais na produção dos sinais, sob a possibilidade de que eles não fossem entendidos, apresentamos uma possibilidade de descrição fonológica dos sinais, pois compreende-se, hoje, que as expressões não manuais são componentes gramaticais essenciais à língua de sinais. A descrição destes elementos constitutivos dos sinais não aparece sob alguma ordem específica. Porém, no texto, ao referir-se às expressões faciais, há um indicativo de sentimentos, isto é, as expressões não manuais exercem uma função na sentença em sinais. Isto implica dizer que este parâmetro constitutivo dos sinais também é apresentado de maneira subjacente no texto do Compêndio.

Por meio dessa análise também foi possível compreender como as estruturas morfológicas e sintáticas estavam presentes na descrição dos sinais no século XIX. A marcação das diferentes posições dos elementos nas sentenças, descritas como a mudança de posição da pessoa que sinaliza é uma breve descrição sobre formas de indicar referentes e apontar uma das formas de estabelecer concordância nos sinais. Na inserção do elemento

de negação, indicativo de grau ou na descrição do papel do semblante, observamos o papel sintático da expressão facial, que também exerce função na expressão de sentimentos. Assim, podemos ter a apresentação desses elementos significativos como um embrião das descrições linguísticas produzidas no século XX, já com o reconhecimento desses sinais como língua natural.

A descrição apresenta também noções semânticas dos sinais, fazendo referência ao uso dos termos e a construção de significados, mostrando que os sinais emergem e são atribuídos significados sem relação com o uso da língua oral. Como apresentado, é desfeito o mito de que a língua de sinais seria uma reprodução das palavras da língua falada. Há também a descrição dos sinais como elementos que não seguem a gramática da língua oral. Nesta breve observação, percebemos exemplos que abordam a posição do sujeito, o uso de advérbios como marcadores de tempos, topicalização e outros tipos de sentenças. Embora não se faça uma análise das posições dos verbos, tampouco de sua tipologia, essa apresentação contrastiva é capaz de demonstrar em linhas gerais o comportamento de alguns desses elementos na sentença.

É possível perceber também por meio dessa pesquisa que há uma crença na inferioridade dos sinais de expressar conceitos e produzir significações, assim como na capacidade intelectual das pessoas surdas, que o utilizam como forma de comunicação. Outro aspecto que chama a atenção se relaciona com a função dessa língua na vida das pessoas surdas, a serem educados para cumprirem o seu dever de homem e exercer a sua fé cristã. Essa concepção ajuda na compreensão de que esses indivíduos viviam ainda sobre a doutrina religiosa e a permissão do uso dos sinais era, sobretudo, com essa função doutrinária.

Essa pesquisa não esgota as possibilidades de análise da descrição, tampouco as concepções que estão subjacentes neste compêndio. Assim, espera-se que possa contribuir com novas leituras acerca deste e de outros documentos históricos que apresentem conteúdos relacionados às línguas de sinais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMAN, Cristina *et al.* *Historiografia da Linguística*. Organizado por Ronaldo Batista. São Paulo: Contexto, 2019.

GESSER, Audrei. *LIBRAS? Que língua é essa?: Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola, 2009.

LEITE, Tobias. *Compendio para o ensino dos surdos-mudos*. 3. Ed. Série Histórica do Instituto Nacional de Educação de Surdos. Vol. 3. Rio de Janeiro: INES, 2012 [1881].

KORNER, E. F. K. A importância da historiografia linguística e o lugar da história nas ciências da linguagem. In: _____. *Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados*. Centro de Estudos em Letras Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro Coleção: LINGÜÍSTICA 11: Estúdio de Artes Gráficas – Braga, Portugal, agosto de 2014.

MARTINS, Estevão C. de Rezende. História, historiografia e pesquisa em educação histórica. *Educar em Revista [online]*, v. 35, n. 74, p. 17-33, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.63035>. Acesso 30 Agosto 2022.

QUADROS, Ronice. KARNOPP, Lodenir. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre, Artmed, 2009.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2007.

SOFIATO, C. G.; REILY, Lucia. Justaposições: o Primeiro Dicionário Brasileiro de Língua de Sinais e a Obra Francesa que Serviu de Matriz. *Rev. Bras. Ed. Esp.*, v. 18, n. 4, p. 569-86, Marília, Out.-Dez., 2012.

_____. “Companheiros de infortúnio”: a educação de “surdos-mudos” e o repetidor Flausino da Gama. *Revista Brasileira de Educação [online]*, v. 16, n. 48, p. 625-40, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782011000300006>. Acesso em: 30 Agosto 2022.

STOKOE, W. C. Sign Language structure: an outline of the visual communication system of the American deaf. *Studies in Linguistics, Occasional Papers*, v. 8, Buffalo, NY: University of Buffalo, 1960.

SWIGGERS, Pierre. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. *Confluência*. Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, n. 44/45, p. 39-59, 2013.